

AS CIDADES DOS PUNKS

João Batista de Menezes **Bittencourt**¹

Resumo

A proposta desse artigo é problematizar a relação entre o Punk e a cidade, mostrando como o surgimento desse estilo de vida jovem foi fortemente influenciado pelas dinâmicas da vida urbana, podendo ser classificado como uma forma *sui generis* de cidadania. É por meio do caminhar na *urbe* que os punks expõem seus valores estéticos e visões de mundo, tensionando uma percepção higienizada e ordeira que busca impedir (ou regulamentar) o nomadismo dos indesejáveis. A cidade se apresenta para os punks como um paradigma fundante de suas experiências urbanas que ganha forma a partir da produção de narrativas orais e imagéticas, expressadas em letras de músicas, pichações, poesias, etc. É a partir desse material que extrairemos os sentidos mobilizados por esses atores "sobre a cidade", sobre "estar na cidade" e sobre o "fazer-cidade".

Palavras-chave: Punk, cidade, estilo de vida, juventude

THE CITIES OF PUNKS

Abstract

The purpose of this article is to problematize the relationship between Punk and the city, showing how the emergence of this young lifestyle was strongly influenced by the dynamics of urban life, and can be classified as a *sui generis* form of city life. It is through walking in the city that punks expose their aesthetic values and worldviews, confronting a aseptic and orderly perception that seeks to difficult (or regulate) the nomadism of the undesirables. The city presents itself to punks as a founding paradigm of their urban experiences that takes shape from the production of oral and imagery narratives, expressed in song lyrics, graffiti, poetry, etc. It is from this material that we will extract the meanings mobilized by these actors "about the city", about "being in the city" and about "doing the city".

Keywords: Punk, City, Way of Life, Youth

Recebido em: 14 de julho de 2022

¹ Universidade Federal de Alagoas. E-mail: joao.bittencourt@ics.ufal.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8635-3998>

Aceito em: 1º de novembro de 2022

"A cidade não tem tempo pra entender
A cidade não tem tempo pra sonhar
A cidade não tem tempo para perder
A cidade não tem tempo para viver
A cidade não para, a cidade não para, a cidade não para
A cidade não para, a cidade não para, a cidade não para."
(A cidade não para - Inocentes)

"Olhe as avenidas, gente muita gente
Não expressam nada, correm sem parar
Quero protestar para encontrar
O outro lado desta vida
Vivo na cidade
O ar é negativo
As árvores vão morrendo
Concreto começa a me cercar mais."
(Vivo na cidade - Cólera)

"(...) Merdas arquitetônicas
Mordaças a te esmagar
Colírio para a burguesia
Tentam mas não vão me cegar
Apropriar
Fabricar meu próprio ar
Apropriar
Fabricar meu próprio ar
Todo o espaço ocupar! Tomar a cidade!
Todo o espaço ocupar! Direito à cidade!"
(O próprio ar - O inimigo)

Introdução

A cidade se apresenta como tema central das narrativas produzidas pelos jovens adeptos do estilo de vida punk, seja nas letras de músicas, em mensagens escritas nos muros em forma de pichação, ou em crônicas cotidianas divulgadas em fanzines. Ora saudada como um espaço que permite a liberdade dos agentes por meio da circulação, e, ora criticada por seu ar e atmosfera sufocantes, ela se expressa para esses jovens como um fenômeno complexo, multifacetado e sem um consenso definido; uma "controvérsia" no sentido desenvolvido por Bruno Latour (2012). Pensando nessa relação "visceral" entre a cidade e o punk, decidimos fazer uma reflexão sobre os sentidos que os(as) adeptos(as) desse estilo de vida atribuem à cidade. Quais tipos de cidade aparecem em suas narrativas? Como vivenciam as dinâmicas e desafios da vida urbana? Como

produzem e são produzidos pela cidade? Essas são algumas questões que serviram de base para esse texto.

Visando uma melhor apresentação do artigo, esse trabalho foi dividido em duas partes: na primeira faremos um breve histórico do punk, remontando sua origem na Inglaterra e sua conexão com as classes trabalhadoras. Em seguida, apresentaremos a chegada desse estilo de vida no Brasil, especialmente na cidade de São Paulo, mostrando as especificidades da dinâmica urbana local na produção de uma experiência punk. Na segunda parte, traremos uma reflexão sobre outras maneiras de "estar na cidade" a partir das percepções de punks que vivem em diferentes regiões do país, a ideia é produzir um contraste entre as experiências citadinas, mostrando as marcas que cada cidade imprime no estilo de vida.

O punk britânico e a vida na cidade industrial

Até a própria multidão das ruas tem, por si só, qualquer coisa de repugnante, que revolta a natureza humana. (...) Esta indiferença total, este isolamento insensível de cada indivíduo no seio de seus interesses particulares, são tanto mais repugnantes e chocantes, quanto é maior o número destes indivíduos confinados neste reduzido espaço". (ENGELS, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. Porto: Afrontamento, 1975, p. 56)

Em uma obra clássica produzida em 1845, o pensador alemão Friedrich Engels se dedica a refletir sobre a situação dos trabalhadores ingleses da indústria. Além de apontar as dificuldades vivenciadas pelos proletários em um contexto de precarização intensa da mão de obra, construiu uma análise vigorosa sobre a cidade como um espaço privilegiado para o desenvolvimento do capitalismo. A narrativa do teórico revolucionário apresenta uma Inglaterra pré e pós Revolução Industrial, destacando as diferenças entre os modos de vida encarnado pelos trabalhadores nos diferentes regimes de produção. Se tecelões e camponeses produziam o suficiente para satisfazer suas necessidades e as de seus familiares e dispunham de mais saúde e vigor físico, os modernos operários tinham que trabalhar intensamente, não possuíam controle sobre sua produção e adoeciam facilmente. Ao longo dos séculos XIX e XX as cidades européias passaram por intensas transformações, especialmente as grandes metrópoles industriais, e, como não poderia ser diferente, os modos de vida urbano foram marcados intensamente pela desigualdade de condições e oportunidades entre os diferentes grupos humanos que residiam nesses espaços. Os bairros operários criados para receber trabalhadores imigrantes que vinham

do campo, com suas moradias precárias e insalubres, produziam um visível contraste na paisagem urbana, quando comparados aos bairros onde residiam as famílias burguesas. Nessas residências minúsculas e carentes de serviços básicos viviam famílias que se expandiam e formavam outras famílias, cuja existência estava circunscrita ao trabalho na indústria. Não é difícil pensar que esses indivíduos convivessem cotidianamente com a indignação e a revolta por trabalharem intensamente e não conseguirem vislumbrar possibilidades de mudanças concretas em suas vidas, que permitissem por sua vez um futuro melhor para seus filhos e filhas. As greves e as demais manifestações por melhores condições de trabalho atestam que os operários não se conformavam com a situação vivenciada. É nesse caldeirão de tensões decorrentes da precarização, falta de perspectivas e luta por direitos em relação a vida econômica e política dos trabalhadores, que surge o punk. Logo, não é exagero afirmar, que essa "filosofia de vida" é uma produção direta das relações estabelecidas na metrópole industrial. Grande parte dos jovens que ganhou as ruas de Londres com seus cabelos espetados, roupas rasgadas e maquiagens pesadas, eram filhos e filhas das classes trabalhadoras, e aprenderam desde cedo o sentido da palavra revolta, que se estendia a toda forma de autoridade, inclusive a de seus pais, o que não significa afirmar que essa rebeldia inicialmente era direcionada para uma causa específica, seja o patriarcado ou o capitalismo. O inimigo era o estado que os oprimia através das políticas de austeridade e que os violentavam por considerarem uma ameaça a ordem pública. A revolta com a situação vivenciada cotidianamente se misturou àquela produzida pela insatisfação com a situação política mais ampla. A estilização dessa rebeldia foi a forma encontrada pelos jovens para dar vazão aos seus descontentamentos.

É sempre importante lembrar que o processo de industrialização foi fundamental para o desenvolvimento de práticas e costumes que ajudaram a definir o que o sociólogo Louis Wirth classificou como modo de vida urbano (1967 [1938]). Robert Park, William Thomas e Ernest Burgess, estudiosos ligados a Escola de Chicago², foram os primeiros a discutir as especificidades das relações sociais produzidas no contexto das cidades industrializadas na Europa e nos Estados Unidos, problematizando não apenas as

² Escola sociológica surgida na Universidade de Chicago, em 1910, por iniciativa dos docentes do departamento de Sociologia dessa instituição. Entre 1915 e 1940, esse grupo de estudiosos, onde se destacavam nomes como Robert Park, Ernest Burgess, William Isaac Thomas, Louis Wirth, entre outros, desenvolveu inúmeras pesquisas sociais que se voltavam para a compreensão de fenômenos ocorridos em contexto urbano, especialmente aquele da cidade de Chicago.

diferenças entre o campo e a cidade, como também refletindo sobre a racionalização decorrente da intensificação das trocas comerciais e o impacto destas na economia psíquica e moral dos agentes. Quando falamos de Revolução Industrial, a Inglaterra aparece como o principal nome, uma vez que essas transformações de ordem tecnológica e econômica tiveram início lá, na segunda metade do século XVIII, servindo de modelo para os demais países do mundo.

As culturas juvenis urbanas são produtos humanos dessa revolução iniciada há quase três séculos na Europa, porém, elas só ganharam vida na segunda metade do século XX. A expansão das trocas comerciais entre os diferentes países, e o desenvolvimento das tecnologias comunicacionais que permitiram uma maior circulação dos bens simbólicos e materiais em escala global, são fatores imprescindíveis para o desenvolvimento dos estilos de vida abraçados pela juventude. Não nos surpreende que os estudos *subculturais*³ (*Subcultural Studies*) tenham surgido na Inglaterra, no final dos anos 60, dirigindo suas lentes para uma diversidade de grupos que expunham publicamente suas visões de mundo a partir de uma estética “transgressora” que confrontava as normas do *status quo* vigente, e que era fortemente influenciada por uma cultura musical. De acordo com Guerra e Quintela (2018), antes disso não havia na Inglaterra um projeto consolidado de cultura juvenil, apenas uma espécie de “*mimetização do que acontecia do outro lado do atlântico*”. (p.14). É importante enfatizar, que o país ainda vivenciava a herança do pós-guerra, passando por um período de grande recessão econômica com poucas possibilidades de desenvolvimento de uma indústria musical. Na década de 60, ocorreram mudanças significativas que impactaram diretamente na produção dessas subculturas juvenis, onde podemos destacar a prosperidade econômica, acompanhada por mudanças de comportamento capitaneadas pela revolução sexual e dos valores. *Teddy Boys*, *Modes e Rockers* foram alguns dos grupos que surgiram nesse momento, cada um à sua maneira reivindicando seu lugar no mundo a partir de discursos e práticas que misturavam posicionamentos políticos, violência e apelo estético. O punk, enquanto subcultura jovem, surgiu no começo dos anos 70 com o intuito de provocar uma revolução em tudo que já havia sido feito, seja musicalmente ou

³ O CCCS (Center for Contemporary Cultural Studies) da Universidade de Birmingham foi o núcleo responsável pela difusão de pesquisas acadêmicas sobre os diferentes estilos de vida jovens que despontaram em terras britânicas na segunda metade do século XX. Influenciados por diferentes perspectivas teóricas como o marxismo, o estruturalismo e o feminismo, nomes como Stuart Hall, Tony Jefferson, Dick Hebdige, Paul Willis, Angela McRobie, Jennie Garber, entre outros, tornaram-se importantes referências dos chamados estudos culturais.

esteticamente. É inegável a influência dos nomes de Malcolm McLaren e Vivienne Westwood⁴ no surgimento do Punk na Inglaterra, o que não significa afirmar que a dupla “criou o punk” como alguns sugerem. Um fenômeno social nunca é uma invenção de uma pessoa ou de um grupo, ele é resultado de processos históricos, políticos e sociais que o antecederam, porém, não se pode desconsiderar a importância de ambos para a consolidação e difusão do punk enquanto estilo de vida em terras britânicas. Podemos dizer que a dupla soube se aproveitar da rebeldia punk, traduzindo através de peças de roupas e adereços um grito de revolta de jovens inconformados. Porém, a contribuição do casal vai mais além, a Loja *Sex*, que inicialmente se chamava *Too Fast to Live, Too Young to Die*, empreendimento comercial mantido por ambos, foi um espaço fundamental para a divulgação do punk. O *Sex Pistols*, possivelmente a banda punk inglesa com maior visibilidade⁵ mundial, foi inicialmente “forjada” por Malcolm McLaren como uma forma de divulgação dos seus negócios, é por esse motivo que é comumente atribuído à Malcolm e Vivienne o rótulo de “criadores do punk”. Esse dado revela dentre outras coisas, alguns aspectos centrais para o desenvolvimento de uma cultura juvenil, à saber, a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos pelos agentes. O casal pode não ter “inventado” a subcultura, mas os artigos confeccionados pela dupla ajudaram a consolidar uma imagem do punk que se tornou icônica.

Diferente do que afirmam alguns críticos das chamadas culturas de massa, essas identidades espetacularizadas não eram produzidas exclusivamente por uma lógica *prêt-à-porter*, um estilo de vida “fabricado”, que poderia ser adquirido pelos agentes em lojas especializadas. O consumo tem a sua importância, mas, para os estudiosos do CCCS, a chave explicativa para a compreensão do fenômeno estaria na ideia de “estilização” como expressão de uma condição de classe. Hebdige (1979 [2018]) afirma que o punk, dentre outras coisas, é uma reação de jovens membros da classe operária inglesa ao processo de alienação produzido pelo *glam rock*, gênero considerado demasiadamente elitista e sofisticado para ser absorvido por jovens desse segmento.

⁴ Malcolm McLaren e Vivienne Westwood formaram um dos casais mais influentes no campo da moda e da cultura pop inglesa ao longo dos anos 60 e 70. Ambos se conheceram em uma Escola de Artes em Londres e essa parceria os levou a criar uma loja que seria decisiva para a popularização do punk enquanto estilo de vida.

⁵ Apesar da existência de grupos como o *The Clash*, *Buzzcocks*, *The Damned* e *Vibrators*, o *Sex Pistols* foi o grupo que conseguiu consolidar uma imagem do punk em diferentes partes do mundo como o jovem de roupas rasgadas, cabelos espetados e adepto do anarquismo.

A estética punk, formulada no crescente hiato entre artista e audiência, pode ser lida como uma tentativa de expor as explícitas contradições do *glam rock*. Por exemplo, a “condição operária”, o descuido e a franqueza do punk atacavam diretamente a arrogância, a elegância e a verbosidade das superestrelas do *glam rock*”. (...) A retórica de rua do punk, a sua obsessão com a classe e a distinção eram expressamente designadas para subverter o intelectualismo da geração anterior de músicos rock (Hebdige, 2018:156).

Hall, Jefferson, Clarke e Roberts (1976 [2003]) em um texto chamado “*Subcultures, Cultures and Class: A theoretical overview*”, por sua vez, percebiam na espetacularização das subculturas uma forma particular e estilizada dos jovens exporem seus descontentamentos com a condição vivenciada pela classe operária. Influenciado pelos escritos de Gramsci e Thompson, os pesquisadores entendem que as subculturas são expressões de uma cultura de classe mais ampla:

In modern societies, the most fundamental groups are the social classes, and the major cultural configurations will be, in a fundamental though often mediated way, ‘class cultures’. Relative to these cultural-class configurations, sub-cultures are subsets— smaller, more localised and differentiated structures, within one or other of the larger cultural networks. (p.13)

Apesar das críticas dirigidas à perspectiva abraçada pelos pesquisadores(as) do CCCS, é inegável que esses estudos trouxeram contribuições significativas para a pesquisa com as populações jovens em contexto urbano, especialmente no que diz respeito a uma ressignificação da concepção de subcultura, que na primeira metade do século XX esteve atrelada às noções de delinquência e criminalidade⁶. Algumas das críticas produzidas a partir da década de 90 aos estudos subculturais⁷ (Thornton, 1995; Bennett, 1999; Bennett e Kahn-Haris, 2004; Huq, 2006; Muggleton e Weinzierl, 2004), apontam as limitações desses estudos, especialmente o exagero da “perspectiva classista”, que invisibiliza outros indicadores responsáveis pela produção das identidades, o “elitismo cultural”, que definia a apropriação cultural desses grupos como “essencialmente criativas” em contraposição ao consumo passivo da maioria dos jovens,

⁶ As chamadas teorias das subculturas criminais foram desenvolvidas a partir das ideias da Escola sociológica de Chicago, especialmente dos trabalhos produzidos por Robert Ezra Park. Contrariando a perspectiva de uma psicologia comportamental que percebia o engajamento em atividades criminosas como um sintoma de distúrbios da personalidade, essas abordagens buscavam perceber a influências das relações sociais na produção da criminalidade. Apesar de apresentar um avanço significativo na “desnaturalização” da prática criminosa, esses estudos construíram uma noção de subcultura como subgrupos desviantes que se formariam no interior de uma cultura oficial.

⁷ As críticas elaboradas aos estudos culturais, bem como as novas perspectivas de análise desenvolvidas receberam o nome de *Post-Subcultural Studies* (Estudos Pós-Subculturais).

uma teorização precária a respeito da participação de mulheres e baixa incidência de análises sobre a questão racial.

Como já destacado, os estudos subculturais ofereceram contribuições significativas para pensarmos o processo de formação dos grupos juvenis de estilo (Kemp, 1993), desenvolvendo modelos explicativos importantes que podem nos ajudar a compreender essas manifestações em outros contextos históricos. Porém, apesar da inegável influência desse repertório simbólico global, não podemos perder de vista a influência decisiva dos aspectos locais (fatores econômicos, políticos e culturais). Na América Latina e na Ásia (e não apenas), por exemplo, assistimos a diferentes processos de construção dessas identidades juvenis, bem como de outras possibilidades de se vivenciar o punk a partir da ressignificação de imagens e narrativas que são absolvidas e reelaboradas pelos jovens. À seguir, apresentaremos o aparecimento do punk em algumas cidades brasileiras, mostrando como o estilo de vida foi construído impulsionado pelas diferentes dinâmicas da vida urbana presentes nesses espaços.

O Punk em São Paulo: uma cidade e múltiplos territórios

Apesar do punk ser um fenômeno que apareceu simultaneamente nas diversas cidades brasileiras, é inegável que São Paulo se destaca por ter abrigado (e ainda abrigar) uma das mais pulsantes cenas do país. Pesquisadores(as) e pessoas que acompanharam de perto o aparecimento desse fenômeno, indicam a segunda metade dos anos 70 como o período de surgimento desse estilo de vida. Bivar (1982) afirma que o punk chegou em São Paulo logo em seguida a sua explosão em terras britânicas. “*As primeiras bandas datam de 78 e tinham nomes como AI-5, Condutores de Cadáver e Restos de Nada*”. (p.103). O punk produzido na Inglaterra com sua sonoridade minimalista e estética agressiva exerceu considerável influência sobre jovens nas diversas partes do mundo, e em São Paulo não foi diferente, porém, engana-se quem acha que o punk surgido no país é uma cópia do fenômeno que teve projeção na Europa. A condição socioeconômica vivenciada pelo jovem inglês era muito diferente daquela do jovem morador da periferia de São Paulo. Se o primeiro vivia os últimos anos do chamado *Welfare State*, no Brasil, vivíamos um período de forte recessão econômica e desemprego decorrente das políticas implementadas pelos governos militares. Além da repressão constante, os punks em São Paulo amargavam uma situação social sem perspectiva de futuro. A expressão nihilista

“*No Future*” imortalizada na canção *God Save the Queen* dos Sex Pistols, aparece para os jovens brasileiros como uma constatação de uma realidade precária e sem a perspectiva de dias melhores.

Não é novidade para os(as) estudiosos(as) do fenômeno urbano no país, a importância da cidade de São Paulo enquanto pólo econômico e aglutinador de grande diversidade cultural, sem perder de vista, é claro, a desigualdade social como uma de suas principais características. Nos anos 80, de acordo com Taschner & Bógus (2001), a cidade passa por um conjunto de transformações significativas decorrente do processo de abertura política, expansão dos meios de comunicação e fortalecimentos das instituições. Situação que também vem acompanhada de um processo de desregulamentação da economia, altos índices de desemprego e precarização do trabalho. Do ponto de vista das regras de organização social do espaço urbano, entendido como padrões de diferenciação social e separação, Caldeira (2000) indica que até os anos 80 figurou a distinção centro-periferia, onde os grupos sociais estavam separados por grandes distâncias, sendo que “*as classes médias e altas concentravam-se nos bairros centrais com boa infra-estrutura*” e *os pobres viviam nas precárias e distantes periferias* (p. 211). O conceito de periferia, que na época não era tão popular quanto hoje, já era utilizado com bastante propriedade pelo movimento punk para demarcar um lugar, que era geográfico, mas, principalmente simbólico. Habitar uma periferia não era simplesmente estar distante espacialmente do centro e dos seus benefícios materiais, significava, acima de tudo, estar à margem de reconhecimento, de respeito e dignidade. Eles (os punks) se reconheciam como os filhos bastardos, rejeitados por um sistema político e econômico que os queria ver fora de circulação. Não é à toa que a prática da deambulação tornou-se uma característica importante da identidade punk, uma espécie de marca registrada dos jovens. Andar pela cidade em bandos era uma forma de confrontar uma visão higienizadora e homogeneizadora produzida pela segregação socioespacial. Além de periferia, um outro conceito bastante utilizado pelos jovens era o de subúrbio, que por sua vez, era percebido como um outro nome para periferia⁸. As letras dos grupos punks podem nos fornecer pistas interessantes sobre os usos dessas terminologias no cotidiano desses agentes.

⁸ Podemos destacar a diferença que o sociólogo José de Souza Martins (1992, 2000) desenvolve entre os conceitos de subúrbio e periferia, percebendo o primeiro como um espaço que mistura elementos rurais e urbanos, e a segundo sendo definido pela subordinação da cidade à renda da terra. O fato de ambos os territórios estarem situados nas franjas dos centros urbanos e seus moradores compartilharem experiências de exclusão e marginalidade, fez com que os punks percebessem ambos como sinônimos.

Periferia!
Tudo acontece na periferia
Brigas, mortes na periferia
Tiros, sangue na periferia, na periferia
Tudo acontece na periferia
Bagulho corre direto na periferia
Fazemos muita anarquia na periferia, na periferia
Tudo acontece na periferia

(Canção Periferia do álbum Crucificados pelo sistema (1984) da banda Ratos de Porão)

Vagando pelas ruas tentam esquecer
tudo que os oprime e os impedem de viver
Será que esquecer seria a solução
Pra dissolver o ódio que eles tem no coração
vontade de gritar... sufocada no ar
O medo causado pela repressão
Tudo isso tenta impedir os garotos do subúrbio de existir

Garotos do subúrbio, Garotos do subúrbio
Vocês, vocês vocês não podem desistir
Garotos do subúrbio, Garotos do subúrbio
Vocês, vocês vocês não podem desistir de viver

(Canção Garotos do Subúrbio do álbum homônimo (1985) da banda inocentes)

As letras de música acima discorrem sobre as noções de periferia e subúrbio, a partir de experiências de violência e exclusão vivenciadas por seus moradores. A primeira traz uma percepção sobre a periferia que não difere das representações usuais veiculadas pelos meios de comunicação, onde “tiro”, “sangue”, “brigas” e “mortes” aparecem como referências importantes desse cotidiano que os punks vivenciavam em seus territórios. A realidade descrita sugere um cenário urbano onde o crime, a violência e a contravenção são atividades corriqueiras. Apesar da música ter sido composta nos primeiros anos da década de 80, ela se mostra atemporal, uma vez que os mesmos problemas continuam sendo identificados nas diversas periferias do país. Já a letra da banda Inocentes, discorre sobre o dia-a-dia de jovens advindos do subúrbio que vagam pela cidade para esquecer os problemas de uma vida miserável e opressora. A repressão policial sempre esteve presente de maneira mais intensa nos territórios habitados pela população pobre e negra, e os punks, (muitos deles pobres e negros) também eram perseguidos por habitarem esses espaços periféricos. A perseguição se tornava ainda mais implacável porque esses jovens eram considerados pela polícia e pela opinião pública como “vândalos”, “baderneiros” e

"vagabundos" destituídos de senso moral. Os jovens que a letra faz menção, encontram no caminhar pela cidade uma espécie de válvula de escape para suas frustrações, e, não apenas! Se deslocar pela urbe de maneira descompromissada é uma marca dos “bandos jovens”, das “galeras” (Abramo, 1994; Caiafa, 1989; Diógenes, 1998), especialmente em um contexto onde a visibilidade passava pelo “ser visto e reconhecido” pelo olhar do cidadão.

Territórios em disputa

Corpo e cidade atuam como territórios amalgamados, cujas fronteiras se cruzam e se produzem nos lugares onde se torna possível estabelecer, fluxos, trocas, vias perpendiculares, embates”. (Diógenes, 2003).

As disputas na cidade encenadas pelos punks não se limitavam ao confronto visual e discursivo com as autoridades e com as pessoas que não queriam dividir com eles o mesmo espaço, haviam outros conflitos territoriais que marcavam de maneira decisiva a dinâmica das relações entre os jovens, esses, de caráter belicoso, colocavam em risco suas próprias vidas. O “ganguismo” ou a “cultura das gangues⁹” esteve presente nos primeiros anos do desenvolvimento da cena punk de São Paulo: *Phuneral Punk*, *Anarquia Punk*, *Carolina Punk*, *Punk Terror*, *Metralhas e Ratos de esgoto* foram algumas dessas gangues.

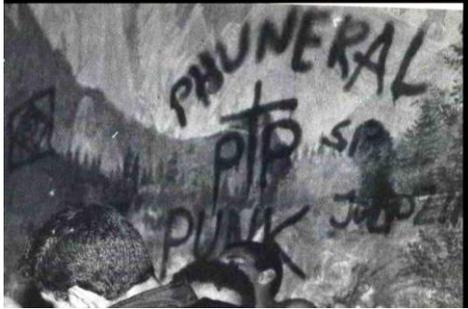
Bom, rinchas eram várias, porque cada um tinha sua área e sua gangue, e sempre uma queria ser a mais forte, e mostrar que era a melhor do seu território, mesmo existindo as rivalidades não havia uma guerra declarada entre todas, mas com certeza pra você ir na área de outra você teria que ter mesmo “sangue nas veias”, porque seria interrogado e colocado à prova”. (Depoimento de Paulinho, membro da Phuneral Punk, extraído do blog Subpunk. 2011)

Algumas gangues, por afinidade ou pela convivência, se uniam e passavam a atuar em conjunto, nos salões, na São Bento, na Galeria e apesar da individualidade de cada uma, São Paulo começa a ser dividida em Zonas, como a Zona Norte, Zona Oeste, Sul, Leste, ABC, Guarulhos e todos os municípios vizinhos à capital, com muitos punks engajados nesse movimento, que passam a ser conhecidos primeiro pela região e depois pelo nome da gangue à qual ele pertencia, como por exemplo: fulano é da Norte e da Carolina Punk; sicrano é

⁹ Definimos como “ganguismo” ou “cultura das gangues”, um conjunto de práticas sociais adotadas por indivíduos e grupos baseado numa lógica de disputa com ou sem orientação ideológica, porém, fortemente atrelado a uma linguagem da violência. O membro da gangue constrói sua identificação a partir de referenciais simbólicos compartilhados pelos membros do grupo. No caso das gangues punks de São Paulo, esse pertencimento era fortemente impactado pelo território habitado. “O território – podendo ser o bairro, ou outro espaço que os membros identifiquem como tal – aparece igualmente como ponto central na construção da identidade grupal” (Abramovay, 2010:57).

da Oeste e da Punk Terror e assim por diante, pois numa região poderia haver diversas delas”. (Depoimento de Ariel Invasor, vocalista da banda Restos de Nada, extraído do Blog Do próprio bolso, 2014)

Figura 1 - Pichação Phuneral Punk



Fonte: Flickr Paulinho 80 -
<https://www.flickr.com/photos/paulinhopunk/43372231>

Figura 2 - Pichação Carolina Punk



Fonte: Arquivo pessoal Ariel Uliana e Tina Ramos
<https://rollingstone.uol.com.br/galeria/os-selvagens-da-noite>

Os depoimentos dos membros de duas conhecidas gangues punks da cidade nos dá pistas sobre as motivações que levavam os jovens a fazer parte parte desses grupos, bem como sobre as dinâmicas interacionais existentes entre as diferentes coletividades. O membro da *Phuneral Punk* reconhece que não havia uma orientação ideológica responsável pelo conflito, atribuindo a este uma disputa por reconhecimento que seria medido pela demonstração de força e coragem dos seus membros, ações que poderiam se expressar mediante violência explícita, como as brigas de rua, mas também, por atos que demonstrassem ousadia e destemor, como por exemplo, visitar territórios rivais. Vale destacar que alguns punks paulistanos comentam em entrevistas¹⁰ a influência exercida pelo filme *The Warriors* (1979), que no Brasil recebeu o nome de *Selvagens da Noite*. Esse *cult movie* tinha como enredo as disputas travadas por gangues na cidade de Nova Iorque, o que acabou reforçando o imaginário das gangues punks no Brasil. Não se trata de afirmar que o desenvolvimento das rivalidades se deu a partir da influência exclusiva de um filme, porém, é inegável que as produções cinematográficas tiveram um papel importante na constituição das identidades juvenis, especialmente em um contexto onde as informações eram bastante escassas.

Ariel, vocalista da icônica banda *Restos de Nada* e morador da Vila Carolina, afirma que, apesar da rivalidade difusa, esses bandos também construíram afinidades definidas

¹⁰ Ver a matéria “Os selvagens da noite”, publicada na Revista Rolling Stone em 16/05/2017 (<https://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-129/os-selvagens-da-noite/>).

por um pertencimento regional, surgindo desse modo uma identificação por zonas, o que sugere negociações e acordos entre os diferentes grupos.

O Movimento Punk em São Paulo, conheceu uma história particular que se baseou na formação de dois grupos originalmente rivais. Existiam os "punks da city" X os "punks do ABC" e Zona Leste. Essa diferenciação que justificou uma pretensa defesa de quem seria legítimo no Movimento, foi durante muito tempo confundida com a essência do punk em São Paulo" (Kemp, 1993: 99-100).

Certamente, o conflito de maior destaque e que posteriormente se tornou uma das mais conhecidas disputas entre punks no país, foi a rivalidade entre os chamados "*Punks da City*" e os "*Punks do ABC*". Em um primeiro momento esse conflito pode ser lido como resultante da rivalidade entre as zonas, porém, existem outros elementos que podem ser acionados visando uma melhor compreensão dessa relação conturbada. Apesar das questões ideológicas não serem normalmente utilizadas como chaves interpretativas para as disputas encenadas entre os bandos, há algumas especificidades desse embate que é importante mencionar, como, por exemplo, a proximidade dos punks do ABC com os movimentos sindicais e a "causa operária" e uma maior visibilidade dos punks da City por parte dos meios de comunicação, seja para o bem ou para o mau. Os primeiros criticavam essa "posição de destaque" gozada pelos jovens da capital, e estes, retrucavam criticando a relação dos jovens do ABC com os sindicatos.

Figura 3: Punks marcham em apoio a CUT – 1987



Fonte: acervo de Roberto Parizotti

Mesmo quando as brigas entre as gangues punks de São Paulo tiveram uma trégua, à partir de uma tentativa de unificação que culminou na realização do Festival “*O começo do fim do mundo*”, no Sesc Pompéia, em Novembro de 1982, o conflito entre punks da capital e do ABC persistiu ganhando uma nova configuração. O aparecimento de células *skinheads*¹¹ na região do ABC fez com que a disputa ganhasse tons ideológicos mais acentuados: de um lado, *skinheads* nacionalistas, defensores de pautas conservadoras e sectárias, e do outro, punks, muitos deles ligados ao anarquismo, e que repudiavam tais práticas. Assim, convencionou-se definir a disputa entre esses dois grupos como uma guerra entre “fascistas” e “antifascistas”. Para fugirmos de análises simplistas e reducionistas, destacamos que a defesa de pautas conservadoras e segregacionistas não eram tidas como um consenso entre *skinheads* que viviam na região do ABC, como bem aponta o estudo desenvolvido por Teixeira (2007) sobre o Movimento Punk no ABC Paulista. Da mesma forma que na região do ABC surgiram grupos que combatiam essa agenda reacionária defendida pelos *skinheads*, por outro lado, vimos também surgir na capital, grupos de extrema direita de orientação racista e xenófoba. Além dos conflitos entre punks de bairros distintos e de regiões distintas, também houve brigas entre punks e *headbangers*¹², essas, em menor expressão. Como podemos perceber, fronteira é uma categoria importante para compreender as dinâmicas do punk na urbe, diferenciações espaciais e simbólicas que demarcam uma identidade “nós”, construída à partir de uma alteridade. Podemos utilizar também a lógica da fronteira para entender um conjunto de percepções atribuídas a territórios em que as dinâmicas urbanas são comumente invisibilizadas, como é o caso, por exemplo, das regiões norte e nordeste do país. A seguir, apresentaremos alguns apontamentos sobre as experiências cidadinas vivenciada por punks de algumas capitais da região nordeste, trazendo alguns dados que nos permitem visualizar o punk para além das representações usuais advindas da região sudeste.

¹¹ Surgidos na Inglaterra nos anos 70, o *skinhead* pode ser definido como uma subcultura com forte ligação com a classe operária. A expressão advém do corte de cabelo comum entre os jovens, que raspavam a cabeça como forma de identificação entre os pares. Apesar de inicialmente ter sido fortemente influenciada pela cultura afro-diaspórica, especialmente a jamaicana, constata-se no final dos anos 70, a inclusão de pautas racistas e segregacionistas, ocasionando uma ruptura decisiva entre os *skinheads*. No Brasil, assim como em outros países, o *skinhead* possui adeptos alinhados aos diferentes espectros políticos, indo da extrema esquerda à extrema-direita.

¹² Expressão inglesa utilizada para classificar as pessoas que se identificam com a subcultura *Heavy Metal* em seus mais diferentes subgêneros (*Thrash Metal*, *Death Metal*, *Black Metal*, etc.). O termo faz alusão ao *headbanging* (bater cabeça), performance executada por pessoas nos shows desse estilo musical.

Punks no nordeste: entre o sertão e a capital

Inicialmente, considero imprescindível destacar que não existe o “Punk no/do Nordeste” enquanto uma produção cultural específica dessa região, ou melhor, um punk “essencialmente nordestino” fruto de um emaranhado de símbolos acessados exclusivamente por pessoas que nasceram e cresceram nessa região. Concordamos com Bourdieu (1996) que “*as noções de espaço social e espaço simbólico não são, nunca examinadas em si mesmas e por si mesmas*” (p.14). Logo, diferente do pesquisador “curioso pelos exotismos”, busco apreender esse fenômeno partindo de um olhar sobre os processos que permitiram a emergência do mesmo nessa região. É preciso enfatizar também que não existe uma homogeneidade entre as experiências vivenciadas por punks no Nordeste, ele é diverso e heterogêneo, de maneira semelhante às experiências dos indivíduos que habitam as diferentes cidades dos diferentes estados. Desse modo, quando utilizo o termo “*Punks no Nordeste*”, é com o intuito de promover um contraste regional, situando as especificidades dos processos sociais, políticos e econômicos responsáveis pela emergência do espaço social e simbólico onde esse estilo de vida jovem se desenvolveu.

Apesar de possuímos trabalhos que evidenciam o desenvolvimento do punk na região nordeste nos primeiros anos da década de 80 (Bastos, 2005; Damasceno, 2004; Bittencourt & Pascásio Jr., 2018), é inegável que existe uma tendência a apresentar o surgimento desse estilo de vida no Brasil a partir das experiências da região sudeste, e, mais especificamente, da cidade de São Paulo. Não é um grave problema atribuir o desenvolvimento de um estilo de vida especificamente a uma localidade, porém, não é adequado, do ponto de vista sociológico, construir uma narrativa sobre o “punk nacional” tendo como parâmetros exclusivos um conjunto de experiências de uma única cidade, ou mesmo de uma única região. O estilo de vida punk apareceu no nordeste ainda na primeira metade dos anos 80, e, nas diferentes capitais, pudemos acompanhar esse processo de apropriação simbólica dos elementos globais do punk. Ao discorrer sobre o surgimento do estilo de vida na cidade de Fortaleza, o historiador Francisco José Gomes Damasceno (2012) apresenta através de relatos orais e matérias publicadas nos jornais da época, pistas que confirmam o início dessa movimentação no final dos anos 70. Em uma das primeiras matérias publicadas por um jornal de grande circulação da capital cearense,

no ano de 1983, nos deparamos com a seguinte descrição: “Com roupas desbotadas e rasgadas, cabelos em desalinho e um aspecto sujo, os punks cearenses parecem iguais aos paulistas e cariocas. A exceção do sotaque nortista carregado, eles também protestam contra a estrutura social, a falta de liberdade e a pressão do mundo adulto”.¹³

Damasceno (Ibidem) também discorre sobre a produção de afinidades eletivas entre os jovens mediante encontros em pequenas festas em suas residências e o consumo de informações sobre o punk publicadas em algumas revistas.

O processo de urbanização é uma importante chave para entendermos o desenvolvimento das culturas juvenis nas diferentes partes do mundo. Não me refiro somente ao crescimento no quantitativo de cidades e ao desenvolvimento das redes de transporte e de comunicação, mas, principalmente, a expansão de um mercado de bens simbólicos que permitiu dentre outras coisas a produção de identidades estilizadas. Não podemos perder de vista que a pouca “visibilidade” atribuída aos estilos de vida jovem no nordeste se apoia em um conceito anacrônico de urbanização que define regiões como “mais” ou “menos” desenvolvidas tendo como base parâmetros como crescimento econômico e progresso tecnológico. Certamente, o processo de urbanização do nordeste é diferente daquele vivenciado no sudeste, uma vez que o ritmo das transformações seguiu o *timing* das atividades agrícolas como o plantio da cana de açúcar e do algodão, bem como da pecuária bovina, obedecendo uma dinâmica bem mais lenta do que aquela apresentada pelo conjunto das transformações derivadas da industrialização, porém, isso não foi um impeditivo para que as cidades nordestinas expandissem suas redes de relações comercial e simbólica. No livro *A invenção do Nordeste* (2006), Durval Muniz de Albuquerque chama atenção para um conjunto de enunciados que reforçam a produção de um imaginário que conecta a região ao atraso e ao subdesenvolvimento:

São Paulo é visto, na maioria das vezes, como a área da cultura moderna e urbano-industrial, omitindo-se sua cultura tradicional e a realidade do campo. Já com o Nordeste se verifica o inverso. Esse é quase sempre pensado como região rural, em que as cidades, mesmo sendo desde longa data algumas das maiores do país, são totalmente negligenciadas, seja na produção artística, seja na produção científica. (ALBUQUERQUE, 2006, p.104).

¹³ Punks: eles surgem em Fortaleza e têm como lema curtir e chocar. In: *Diário do Nordeste*, 26/07/1983, p. 18

Essa representação incidiu de maneira decisiva sobre as percepções dos agentes externos sobre o punk na região. Bittencourt & Rocha Jr. (2018), em artigo onde problematizam o surgimento do punk em Maceió, indicam como as ideias de “atraso”, “aridez”, “pobreza” e “ruralidade” ajudaram a fomentar visões preconceituosas e estereotipadas sobre o punk.

O punk é filho do asfalto, do concreto, da velocidade dos carros, da fumaça das fábricas, e essas, no imaginário de grande parte da população brasileira, não seriam marcas do Nordeste. Paira sobre essa região uma concepção de unidade que homogeneiza as práticas e discursos de todos seus habitantes, não importa se sejam cearenses, alagoanos, pernambucanos ou maranhenses, eles são antes de qualquer coisa, nordestinos". (p. 240)

Territorializando a revolta

Nesse tópico, pretendemos discutir alguns aspectos que foram e são destacados pelos próprios punks das diferentes capitais do Nordeste, como elementos significativos na constituição de uma identidade grupal. Como pesquisador, sou constantemente confrontado com perguntas sobre as especificidades desse "movimento" em relação aos demais. Querem saber sobre a "nordestinidade" do punk e como esta se expressa através de visões de mundo, estética e posição política dos seus adeptos. Para fugir dos exotismos, procuro pensar essa diferença direcionando meu olhar para os processos sociais e as dinâmicas relacionais responsáveis pela produção dessa cultura jovem, e a partir daí, busco entender como vai sendo elaborada a ressignificação dos elementos globais do punk pelos agentes. Partilho das ideias desenvolvidas por Featherstone (1996), de que não podemos pensar o encontro entre aspectos globais e locais de uma maneira simplificada, seja a “homogeneização” ou a “fragmentação”. Devemos estar atentos a complexidade da relação, destacando as estratégias locais de preservação, adaptação e resistência ao processo de globalização, e não apenas, também é importante perceber como se dá a ressignificação da produção simbólica advinda de outros contextos nacionais.

Em texto publicado no livro *Semeando a revolta: anarcopunk na America Latina*¹⁴, Renato Maia, vocalista da banda *Discarga Violenta* (Natal - RN), faz a seguinte afirmação:

A região nordeste do Brasil se caracteriza por ter o fator “seca” como condutor das políticas institucionais e a prática do coronelismo ainda como estratégia dos governantes para manter atrelada toda a população ao seu domínio. (...) Em contraposição a toda essa situação, surge na região alguns grupos de jovens que destoam do ambiente de servidão voluntária e não se calam diante da exploração generalizada; são punks anarquistas que desde o início da década de 1980 já faziam barulho em algumas capitais do nordeste.

Duas características aparecem recorrentemente na fala de alguns adeptos como elementos importantes na estruturação do punk enquanto estilo de vida na região, são elas: o conservadorismo das instituições e o anarquismo como resposta subversiva a este. É importante destacar que a citação acima foi feita por uma pessoa que acompanhou o desenvolvimento do punk em sua cidade ao longo dos anos 80, período em que a crítica ao coronelismo estava bastante em voga. Apesar de já termos passado por mais de quatro décadas, até hoje a política na região nordeste é lida sob o signo do “tradicionalismo”, o que reforça a dicotomia apontada pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque já citada nesse artigo. Certamente, o autor do trecho supracitado fazia referência a um contexto específico, onde se sobressaia o poder político de membros de algumas famílias do estado do Rio Grande do Norte, logo, não podemos transpor para os dias atuais o mesmo discurso, sem uma revisão crítica mais robusta.

A ligação com o anarquismo também aparece como uma importante faceta do punk no Nordeste, não que se trate de uma característica exclusiva, uma vez que o anarquismo enquanto proposta política abraçada por punks se disseminou para todas as regiões do país, mas, diferente do que aconteceu em São Paulo, os jovens desde os primeiros anos foram constituindo uma identidade punk tendo como referência o anarquismo. Podemos afirmar que no Nordeste a história do punk se confunde com a história do anarcopunk:

No nordeste a principal característica dos punks, durante muito tempo, foi a proximidade com o anarquismo. Desde o final da década de 1980 já existiam diversos grupos organizados dentro de uma profusão de siglas: NCL-RN,

¹⁴ O texto utilizado nesse artigo foi uma versão extraída do site www.anarcopunk.org, cujo título é “Desafiando até o sol – uma visão sobre a trajetória de punks anarquista no Nordeste do Brasil Ver: <https://anarcopunk.org/v1/2017/05/desafiando-ate-o-sol-uma-visao-sobre-a-trajetoria-de-punks-anarquistas-no-nordeste-do-brasil/>. Acesso em: 28/06/2022.

GAL-PB, GANNASE, NCCL-CE, ULMA-MA, GEA/PI. Todos esses grupos tinham forte contato entre si e eram formados majoritariamente por anarcopunks.

Ficamos sabendo a partir dos relatos orais e escritos produzidos pelos adeptos do estilo de vida e por pesquisadores(as), que as primeiras percepções sobre o anarquismo expressadas pelos jovens punks, não advinham da literatura referendada por intelectuais como Proudhon, Bakunin ou Malatesta, essa foi incorporada posteriormente. Em um primeiro momento, ele (o anarquismo) era visto mais sob a ótica da transgressão, do caos e da atitude disruptora, do que sob o prisma da ideologia política pautada pela auto-gestão e o cooperativismo. Ao discorrer sobre os primeiros passos do punk na cidade de João Pessoa (PB), Bastos (2005) traz alguns apontamentos sobre a relação dos anarcopunks com anarquistas e com punks não-anarquistas. Se com os primeiros havia um diálogo mais harmonioso e ações de cooperação, com os segundos houve tensão e desacordo, culminando no que o sociólogo define como “guerra de posturas”.

[...] esta guerra de posturas não foi tão diferente da que ocorreu em São Paulo, com as oposições ABC x City, ou no Rio de Janeiro, mais ou menos na mesma época em que em João Pessoa ela ocorreu, onde anarco-punks que eram aproximados do C.E.L. (Círculo de Estudos Libertários), organização anarquista situada nesta cidade, viveram semelhante embate contra os punks da Ekatomb. (p. 356).

Já na cidade de Fortaleza, a relação com o anarquismo teve como principal referência a criação de Coletivos de convivência alternativa (Damasceno, 2008). Grupos como o NEAL - Núcleo de estudos e atividades libertárias, o NCCL - Núcleo Coletivo de Consciências Libertária, e posteriormente, o coletivo Ruptura, desenvolveram atividades de intervenção em praças e escolas, organização de *Gigs*¹⁵ e protestos juntamente com outros movimentos sociais da cidade. Outro aspecto interessante produzido pela criação de células anarquistas nas diferentes capitais foram os encontros interestaduais entre os punks. Havia uma troca de ideias e afetos bastante intensa entre os agentes, que frequentemente se deslocavam de ônibus para a participação em reuniões ou festivais fora de seu estado de origem.

¹⁵ Expressão idiomática inglesa que significa “show” ou “festival” e que fora adotada pelos punks no Brasil para fazer referência as atividades culturais que eles desenvolviam. A *gig* não possui um formato definido, podendo reunir música, poesia, exposição artística e palestras, e geralmente acontecia em escolas, associações comunitárias e universidades.

Os anarcopunks do Nordeste formavam uma rede para trocar informações sobre suas respectivas cenas locais, como também fortalecer laços de amizade sedimentados pela cultura punk e libertária. Em São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, os punks seguiam mais uma lógica de bando, ou de gangues, uma solidariedade que muitas vezes era circunscrita somente àqueles que dividiam o mesmo território. (BITTENCOURT & ROCHA JR., *Ibidem*, p. 243))

Anarquia nas praças e muros da cidade

A ocupação das praças, seja para a realização de atividades políticas ou para fins de entretenimento, é uma marca registrada dos punks em todo o país. Esses espaços públicos se consolidavam como *locus* privilegiados para que os jovens pudessem expor e compartilhar seu pertencimento, seus gostos e suas visões de mundo. A praça era o ponto de encontro onde os jovens se reuniam para trocar ideias e planejar as atividades do final de semana, era também o lugar da paquera, do consumo de drogas e em muitos casos, o lugar do conflito. Damasceno (2007) destaca que ao longo dos anos 80, se viu uma apropriação diferenciada dos equipamentos públicos por parte dos jovens na cidade de Fortaleza, que pela primeira se dava "pelo viés da arte, da cultura e do lazer".

A apropriação 'geo-estética' da cidade dá-se na medida em que os jovens utilizando-se da arte de viver — como passo a entender sua arte, produzida enquanto ética e estética de vida — produzem outras 'Fortalezas' para viverem, onde os espaços de convivência se tornam referência de bem viver, regados a músicas, festas, prazer e trabalho coletivo de construção dessas utopias juvenis. (p. 225).

O centro da cidade despontava como um dos lugares preferidos dos jovens, especialmente em um contexto onde a diversão e o lazer se direcionavam para esse região. Eles gostavam de se encontrar nas praças e depois caminharem pelas ruas do centro, transitando por bares, boates, casas de show. Quase sempre ficavam pelas calçadas e esquinas, mantendo distância de olhares inquisidores, evitando assim eventuais conflitos. Não possuíam um território fixo, mesmo que escolhessem algumas praças como pontos estratégicos e ocupassem alguns salões de festa pedindo para que suas músicas fossem executadas¹⁶, a diversão estava no movimento de ir e vir, no caminhar de forma descompromissada e na comunhão proporcionada pelos encontros que iam realizando ao

¹⁶ Muitos punks costumavam andar com fitas K7 em suas mochilas e bolsos e, geralmente, pediam aos donos de bares ou ao responsável pelo som mecânico das festas para que suas músicas fossem tocadas.

longo da noite. Com a consolidação dos grupos que começavam a se reconhecer como anarcopunks, os encontros nas praças passaram a ter um direcionamento mais político, com a realização de leituras de textos anarquistas, panfletagens, rodas de conversa e apresentações artísticas pontuais. A organização em coletivos fez com que eles pudessem ocupar também alguns espaços que antes eles tinha dificuldades para acessar como escolas e centros culturais.

Em Maceió, um acontecimento importante envolvendo os punks e o uso de praças tornou-se emblemático. A praça Deodoro foi ao longo dos anos 80 um importante *point* da juventude maceioense, congregando punks, *headbangers* e curiosos no mesmo espaço; encontros que eram favorecidos pela localização privilegiada e uma parada de ônibus que recebia rotas dos mais diferentes bairros da cidade. Em 1992, o prefeito ordenou que fossem colocadas grades em volta da praça, sob a alegação de reformas. Para os jovens frequentadores, foi um sinal claro de que eles não eram bem vindos no espaço, e de que a ação se configurava como uma estratégia de exclusão. Após a reforma, o espaço voltou a ser frequentado, porém, as grades não foram retiradas, o que rendeu ao gestor municipal a alcunha de “o prefeito das grades”. Contudo, a praça não era o único *pedaço*¹⁷ dos punks, eles circulavam pela cidade, deixando seu rastro por onde passavam. Em Maceió, por exemplo, eles gostavam de conversar com os trabalhadores da construção civil, especialmente, com aqueles que atuavam na orla da cidade, distribuía panfletos para os transeuntes no período das eleições e em datas festivas que mobilizavam um grande público nas ruas.

A intervenção nos muros da cidade, era também uma outra forma que os punks encontravam para “territorializar sua identidade” nos diferentes espaços da urbe, territorialização que pode ser percebida como “*um processo dinâmico que se dá no encontro entre diferentes movimentos: do espaço urbano, da constituição de diferentes estilos culturais dentro da cidade, e da vida urbana que marca ritmos, fronteiras, redes sociais ...*” (Turra Neto, 2012, p.156). Nesse sentido, é interessante mobilizar as categorias “espaço liso” e “espaço estriado” (Deleuze & Guattari, 1997) para entender a relação dos punks com a cidade e o desenvolvimento das diferentes táticas de territorialização. O espaço estriado é metricamente definido e obedece às estruturas da

¹⁷ O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (Magnani 1984:138)

ordem e do controle; já o espaço liso, não está sujeito ao mesmo tipo de regulamentação. Durante o dia, quando eles se tornavam mais visíveis, faziam um caminhar mais codificado, atuavam na militância e na “conscientização”, indo ao encontro do trabalhador nas construções, alguns estudavam, outros trabalhavam. Havia um trajeto a ser percorrido, um espaço a ser ocupado. À noite, acessavam o espaço liso, pois, se abria um campo diferenciado de possibilidades, afastado da disciplina e do controle do “regime diurno”. Era “o que pintasse!”. Virar a noite com os amigos na praça, fazer inscrições nos muros da cidade, se envolver em pequenos delitos, etc.

A pichação era uma das estratégias de “territorialização” mais utilizadas pelos punks. Aliás, podemos dizer que os punks foram pioneiros dessa prática, no sentido de expor nos muros o pertencimento a um bando. Em São Paulo, no início dos anos 80, as gangues punks deixavam seus rastros nos muros por onde passavam. Pichar fora do seu território era uma forma de dar visibilidade ao grupo, mas também uma provocação, pois, a disputa entre as gangues antes de ser corpórea, era simbólica, disputava-se dentre outras coisas, status e reconhecimento. Em algumas capitais do Nordeste, há registros dessas inscrições em período semelhante. Oliveira (2012) ao falar sobre as origens da pichação em Salvador, atribui ao grupo punk conhecido como VS (Vermes do Sistema) esse protagonismo, que em 1979 contava com aproximadamente 60 pessoas. A disputa territorial nos moldes do que ocorreu em São Paulo, por exemplo, não era uma prática comum nessas capitais, apesar de haver registros orais sobre episódios de conflitos entre punks e skinheads e punks e headbangers, porém, incidentes mais pontuais. Logo, as pichações expressavam muito mais pertencimento e/ou críticas mais generalizantes, como “*Abaixo a Repressão*”, “*Destrua o Sistema*”, “*Não vote, Lute!*”. Em Maceió, por exemplo, a pichação mais conhecida fazia referência a um bairro: “Punks do Vergel”.

Atualmente, os grupos punks não possuem a mesma atuação e organização de outrora, ao menos no que diz respeito a uma intervenção mais direta na cidade, seja as investidas corpo a corpo com os cidadãos através da prática da panfletagem, seja as inscrições nos muros, demarcando seu pertencimento e visões de mundo. Conforme a relação dos agentes com a cidade foi mudando, viu-se mudanças significativas na maneira como os grupos juvenis tem se relacionado com a mesma. De todo modo, os punks não saíram de cena, eles continuam desenvolvendo suas atividades de cunho libertário em centros culturais alternativos autogestionados, pequenos coletivos, distribuidoras de

livros e discos de orientação anarquista, e claro, em ações diretas nas ruas juntamente com outros movimentos sociais.

Considerações finais

A relação dos grupos juvenis com a cidade tem sido amplamente discutida pela literatura sociológica e antropológica, desde os clássicos de Albert K. Cohen (1955) e William Foote Whyte (1943), passando pelas pesquisas desenvolvidas pelos estudos culturais ingleses, especialmente, os trabalhos realizados no seio do Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS) da Universidade de Birmingham, até os estudos mais contemporâneos sobre as chamadas culturas jovens. Apesar de estarem situados em distintas matrizes teóricas, todos esses trabalhos destacam a importância da cidade na produção e difusão das identidades juvenis e não apenas, todos problematizam, de maneira direta ou indireta, como esses jovens vão produzindo cidade a partir das interações que vão realizando. Em meio a uma profusão de grupos, selecionei o punk não apenas por ele estar situado dentro os meus recentes interesses de pesquisa, mas, principalmente, por entender que esse estilo de vida figura como uma das mais importantes expressões das culturas juvenis desde a segunda metade do século XX, conseguindo se espalhar pelas diferentes partes do globo em um contexto onde a internet ainda não era uma realidade. Outro ponto não menos importante, é a maneira como certas imagens de cidade são mobilizadas pelos adeptos do estilo de vida, o que reforça uma percepção do punk como um fenômeno marcadamente urbano. As cidades não seriam apenas espaços geográficos onde esses jovens desenvolveriam suas práticas e sim, máquinas produtoras de subjetividade individual e coletiva (Guattari, 2012).

Fugimos de uma definição normativa de cidade, buscando percebê-la como um emaranhado de relações tecidas em diferentes contextos e situações, desse modo, não existiria uma "cidade dos punks", porém, diferentes cidades produzidas a partir das experiências dos agentes. Vimos ao longo do artigo que, apesar de algumas semelhanças compartilhadas pelos adeptos da "cultura punk" nas distintas partes do globo, no que diz respeito a produção estética (vestimentas, adereços, gosto musical) e algumas visões de mundo (anarquismo, anticlericalismo, crítica ao capitalismo), os processos e relações que deram origem ao punk nas diferentes localidades são diversos. O punk que surgiu em São Paulo, por exemplo, não é uma cópia do que surgiu em Londres, do mesmo modo que o

Punk que surgiu em Fortaleza ou João Pessoa, não são cópias do que se viu em São Paulo. Assim, concluímos que, para realizarmos uma leitura coerente das práticas juvenis no contexto de cidade, não devemos partir de modelos pré-concebidos de urbanidade que venham servir de balizadores para nossas percepções, reproduzindo aquilo que Bourdieu (1996) define como o “modo de pensar substancialista”, e a maneira de fugir dessa armadilha é dirigir nosso olhar para as relações que os agentes vão costurando no exercício cotidiano de fazer-cidade.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis - Punks e Darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Editora Scritta, 1994.

ABRAMOVAY, Miriam et al. *Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos*. Brasília: SDH/PR, 2010.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN; São Paulo: Cortez, 2006.

BASTOS, Yuriallis Fernandes. Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk. *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 9, set./2005, p. 284-433.

BASTOS, Yuriallis Fernandes. Cotidianizando a utopia: um estudo sobre as organizações das atividades culturais e político-sociais dos anarcopunks em João Pessoa. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

BITTENCOURT, J.B.M. Corpo e afeto nas culturas juvenis. *Latitude - Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFAL*. vol. 6, n1, pp.25-36, 2012.

BITTENCOURT, J.B.M. Sóbrios, firmes e convictos: uma etnocartografia dos straightedges em São Paulo. São Paulo: Editora Annablume, 2015.

BITTENCOURT, J.B.M; ROCHA JR. Música, ativismo e estilo de vida jovem nas tramas do punk em Maceió/AL. *Teoria e Cultura - Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF* v. 13 n. 2 Dezembro. 2018

BENNETT, Andy; KAHN-HARRIS, Keith. Introduction. In: BENNETT, Andy; KAHN-HARRIS, Keith. (Eds.) *After Subculture: Critical Studies and Contemporary Youth culture*. Nova Iorque: Pelgrave Macmillan, 2004.

BIVAR, Antônio. *O que é punk*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro : Zahar, 1989.
- CALDEIRA, Teresa P. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: EDUSP; Editora 34, 2000.
- CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: I. As artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- COHEN, Albert K. *Delinquent Boys: The Culture of the Gang*. Glencoe, Illinois: Free Press, 1955.
- DAMASCENO, Francisco José Gomes. *Sutil diferença: o movimento punk e o movimento hip-hop em Fortaleza - Grupos Mistos no universo cidadão contemporâneo*. Fortaleza: EDUECE, 2011.
- DAMASCENO, Francisco José Gomes. As cidades da Juventude em Fortaleza. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 215-242 - 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V.5. Ed. 34, São Paulo, 1997.
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop*. São Paulo: Annablume, 1998.
- DIÓGENES, Glória. *Itinerários de Corpus Juvenis: o tatame, o jogo e o baile*. São Paulo: Annablume, 2003.
- ENGELS, F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. Porto: Afrontamento, 1975.
- FEATHERSTONE, Mike. Localismo, globalismo e identidade cultural. *Sociedade e Estado*, v. 11, n. 1, p. 9-42, jan./jun. 1996.
- FOOTE-WHITE, William. *A sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005 [1943].
- FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolítica do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- GUERRA, Paula; QUINTELA, Pedro. "Introdução - o resto ainda é Hebdige". In: *HEBDIGE, Dick. Subcultura: o significado do estilo*. Lisboa: Maldoror, 2018.

- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony. *Resistance Through Rituals: Youth subcultures in Post-War Britain*. London: Routledge, 1976.
- HEBDIGE, Dick. *Subcultura: o significado do estilo*. Lisboa: Maldoror, 2018.
- HUQ, Rupa. *Beyond Subculture: pop, youth, and identity in a postcolonial world*. Londres: Routledge, 2006.
- KEMP, Kenia. Grupos de Estilo Jovens: o “Rock Underground” e as práticas(contra) culturais dos grupos “punks” e “trashes” em São Paulo. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- MAGNANI, J.Guilherme C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense/Ed. Hucitec, 1984.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo social*, São Paulo , v. 17, n. 2, 2005.
- MARTINS, José de Souza. *Subúrbio, vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da República Velha*. São Paulo: Editora Hucitec e Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.
- MUGGLETON, David; WEINZIERL, Rupert. (Eds.) *The Post-Subcultures reader*. Oxford: Berg, 2004.
- OLIVEIRA, Anderson Eslye Leite. *Pichação: arte pública e resistência em Salvador*. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social – uma introdução à Teoria Ator-Rede*. Salvador: EDUFBA, Bauru, SP: EDUSC, 2012.
- PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda. (Orgs.) *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2006.
- PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- TASCHNER, Suzana P.; BOGUS, Lúcia M. M. São Paulo: o caleidoscópio urbano. *São Paulo em Perspectiva*., São Paulo , v. 15, n. 1, p. 31-44, Jan. 2001.
- TEIXEIRA, Aldemir Leonardo. *O movimento punk no ABC paulista: anjos - uma vertente radical*. 2007. 227 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007.

THORNTON, Sarah. *Club Cultures: music, media and subcultural capital*. Oxford: Polity, 1995.

TURRA NETO, Nécio. Difusão da cultura punk como difusão da ideia de anarquia. *Revista Cidades*, 9(15). 2012.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) *O Fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

Outras fontes:

MAIA, Renato. Desafiando até o sol: uma visão sobre a trajetória dos punks anarquistas no nordeste do Brasil. <<https://anarcopunk.org/v1/2017/05/desafiando-ate-o-sol-uma-visao-sobre-atrajetoria-de-punks-anarquistas-no-nordestedo-brasil/>> Acesso em:

Os selvagens da Noite. Rolling Stone, 2017, Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-129/os-selvagens-da-noite/>> Acesso em: 29 de Junho de 2022.

Entrevista com Paulinho da Phuneral Punk. SubPunk. 2011, Disponível em: <<http://subpunk.blogspot.com/2011/07/entrevista-com-paulinho-da-phuneral.html>> Acesso em: 27 de Junho de 2022.

O punk brasileiro vivenciado por Ariel. Do próprio bolso. 2014. Disponível em: <<http://www.dopropriobolso.com.br/index.php/musica-34379/44-musica-brasileira/1419-punk-brasil-a-historia-do-punk-brasileiro-como-vivenciada-por-ariel>> Acesso em: 27 de Junho de 2022.

Músicas consultadas:

Cólera. Vivo na cidade. São Paulo: Ataque Frontal, 1986. 2 (min.) 24(s.)

Inocentes. Garotos do Subúrbio. São Paulo: Punk Rock Discos, 1982. 1 (min.) 54(s.)

Inocentes. A cidade não para. São Paulo: Thurbo Music, 1996. 2 (min.) 53 (s.)

O inimigo. O próprio ar. São Paulo: Hearts Bleed Blue, 2019. 3 (min.) 18 (s.)

Ratos de Porão. Periferia. São Paulo: Nada Nada Discos, 2021. 1 (min.) 2 (s.)